

## **“Maurício Nogueira Lima: faturas da forma”**

BANDEIRA, João; AVELAR, Ana Cândida. São Paulo: Mariantonia/Centro  
Universitário da USP, 2008.

No raiar da década de 1950, Waldemar Cordeiro afirmava a sintonia de seu trabalho – e, por extensão, dos demais artistas que com ele apresentariam publicamente as bases da arte concreta no país – com "a linguagem real da pintura, que se exprime com linhas e cores que são linhas e cores e não desejam ser nem pêras nem homens". Sem prejuízo do princípio construtivo, cerca de uma década mais tarde, linhas e cores parecem desejar ser também (e simultaneamente mais que) pêras e homens, para este sempre atento líder do grupo concreto nos anos 50. Em nova chave prospectiva, concebe uma “arte concreta semântica”, engajada no “realismo ao nível da cultura de massa” – título do texto que escreveu para a exposição *Propostas 1965* (realizada na Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo).

Assim como Cordeiro, um grande número de artistas oriundos das mais diferentes tendências reunia-se agora em exposições como esta e outros eventos coletivos, abrigados sob conceitos guarda-chuva como Novo Realismo, Nova Figuração ou Nova Objetividade, que procuravam redefinir a idéia de vanguarda. Maurício Nogueira Lima (1930-1999) é um deles, cuja produção vai sendo acompanhada de perto por críticos como Mário Schenberg, em São Paulo, e Frederico Morais, no Rio de Janeiro.

Para esses artistas, entre as referências internacionais destacam-se a arte de assemblage (objeto de uma grande exposição no MoMA de Nova York, em 1961, e na qual, a grosso modo, pode-se incluir o *Nouveau Réalisme* defendido pelo crítico Pierre Restany na mesma época) e principalmente o impacto da *Pop Art* inglesa e americana. Tudo isso combinado aos ventos das mudanças de costumes difundida pela chamada indústria cultural e à extrema agitação política que

antecedera ao golpe militar de 1964 e que continuou nos anos imediatamente subseqüentes.

Integrante da primeira leva de pintores concretos brasileiros, com formação em arquitetura e larga experiência como artista gráfico, Maurício Nogueira Lima também passa a explorar o "folclore urbano", como então se dizia, investindo numa "arte de comunicação". Seus trabalhos mostrados na VIII Bienal de São Paulo e sobretudo aqueles expostos numa individual na galeria Mobilínea, em 1965, coalhados de palavras, mesclavam suportes e técnicas variadas (colagem, pastel, guache, óleo, tinta industrial, sobre tela, madeira ou cartão). Com uma proposta próxima da arte concreta semântica de Cordeiro e dos poemas de Augusto de Campos, apelidados ambos de popcretos e exibidos em conjunto no ano anterior em São Paulo, a obra dessa fase de Nogueira Lima difere formalmente daqueles, por procurar abrir-se com mais evidência ao caos informacional da cidade que, mais do que nunca, é o mundo.

Boa parte da pintura desenvolvida por ele daí em diante, até meados da década seguinte, já à primeira vista com relações mais diretas com a Pop de, entre outros, Warhol e Lichtenstein e sua apropriação estilizada da gráfica jornalística, publicitária e dos quadrinhos. Com a devida sugestão de acompanhamento sonoro, não faltam nessa pintura cenas de casais, super-heróis apressados e obscuros soldados do Vietnã, Marilyn Monroe e os Beatles, Tostão e Rita Lee, além de nossos novos Reis, Roberto Carlos e Pelé. Mas, de modo geral, os quadros não têm nem a marca fotográfica, ainda que borrada, dos trabalhos típicos de Warhol, nem a estudada precisão gráfica, por assim dizer, das cenas de Lichteststein. Lidando com a iconografia de massas, em princípio como os americanos – redução e seriação da imagem, contrastes brutos entre cores industriais, pouca profundidade ou fusão de fundo e figura – Nogueira Lima parece deliberadamente enxertar aí uma outra estranheza ou desajeito que nos devolve o olhar local.

Nova Objetividade Brasileira (Museu de Arte Moderna-RJ, 1967), O Artista Brasileiro e a Iconografia de Massa (Escola Superior de Desenho Industrial-RJ, 1968) e Aspectos 68 (montada nas ruas de Belém) são algumas das exposições coletivas em que esses trabalhos foram exibidos. Nogueira Lima foi um dos signatários do manifesto Declaração de Princípios Básicos da Vanguarda (1967). Esteve também diretamente envolvido na organização da mostra Nova Objetividade Brasileira (ao lado Hélio Oiticica, Rubens Gerchman e Pedro Escosteguy, entre outros), a mais vigorosa e consagrada dessas coletivas, que enfrentavam um ambiente artístico ainda acanhado e respondiam, nos seus termos, ao cada vez mais pesado clima político. Entre empenhada e crítica, sua arte, como a de outros artistas importantes do período, descobre-se envolvida na atualidade das promessas de modernização que agora ameaçam desbordar, impondo-se ou oferecendo-se – dependendo do ponto de vista mais "apocalíptico" ou mais "integrado" – numa escala muito além do que a década anterior poderia ter imaginado.